

## PRODUTOS PIRATAS, SUA IMPORTÂNCIA NA ECONOMIA.

Tenho consciência que a grande mídia (GM), em todos os seus braços, tenta pautar o que eu penso precisar naquele momento e, principalmente, o que devo acatar como certo e errado.

Na GM, nas grandes datas comemorativas / festivas, alguns temas são presenças obrigatórias. No período que antecede ao carnaval é sobre os cuidados com o corpo; por outro lado, no dia das mães, dos pais e Natal, o assunto é produtos piratas, dentre outros.

No ano de 1972, aos quinze anos, fui com meu pai pela primeira vez fazer compras na Zona Franca de Manaus-AM. Um fato trivial marcou-me neste passeio: escolhi um produto e meu pai disse que aquele não prestava porque era japonês. Gostei de um objeto coreano, um chinês e um paraguaio. Mesmo sendo todos de meu agrado, foram mais uma vez refutados por meu pai, que me orientou a não perder tempo e só escolher o que na etiqueta tivesse MADE IN USA. Na época eu não tinha argumentos para contrapor meu pai.

Retornei a residir em Fortaleza depois de viver em São Luis – MA durante trinta anos. Mesmo vindo diversas vezes à capital Alencarina durante esse período, constatei que não a conhecia mais. Uma das coisas que me chamou a atenção foi a existência, principalmente nas ruas em torno do nosso Mercado Central, de um pujante comércio de vestuário. Só vendo pessoalmente para ter noção do que estou falando. Foi-me dito que essa enormidade de produtos e itens eram conhecidamente “pirateados”.

No final de uma das muitas aulas da especialização que fiz em “Gestão e Políticas Públicas - ISAN/FGV”, enquanto procedia à chamada o professor foi questionado sobre políticas públicas para combater a produção e comercialização de produtos “piratas” no Brasil. De lá para cá, em todas as datas comemorativas, principalmente nos dias que antecedem ao Natal, lembro-me desse fato que ocorreu antes de concluirmos o curso em meados de 2004.

Antes de expor seu entendimento sobre o que lhes fora perguntado, quis saber o nosso pensamento. Já passavam das 23 horas, tínhamos trabalho no dia seguinte cedinho, porém, como bons alunos todos permanecemos em sala e, percebendo que teríamos outra aula, nos acomodamos novamente nas cadeiras.

Você já refletiu sobre a produção e comercialização de produtos “piratas” no Brasil? Eu particularmente, desde aquela aula, venho me aprofundando sobre isso, porém antes de continuar gostaria que você desse uma pausa nesta leitura e mentalmente pensasse no assunto. Abra sua mente para os aspectos “macro” que envolvem o mesmo. Agora pausa.

Sabemos que um dos pré-requisitos para ser aceito em uma especialização é ter nível superior. Normalmente quem se propõe a investir em um MBA já é profissional maduro, experiente em sua profissão, portanto de nível intelectual diferenciado. Certo??

Voltemos à minha sala de aula, isso lá em 2004. O paciente professor ouviu todos que quiseram se manifestar; eu fiquei calado, só ouvindo. Isso porque eu não tinha ainda me dado conta da importância deste tema. Simplesmente não estava no meu "radar".

Enquanto meus diletos amigos de especialização expuseram seus entendimentos, em meus pensamentos voltei no tempo, precisamente nas compras com meu pai na Zona Franca de Manaus - MA, em 1972.

Os que se manifestaram, por incrível que pareça, mesmo utilizando palavras e termos próprios, de uma forma ou de outra só pontuavam em torno da ética, ou seja, da falta de ética de quem compra ou adquire produtos ditos "pirateados". Tendo em vista que alguém investiu para desenvolver os ditos produtos de marca, ou seja, os "originais", por ética seriam os que deveríamos comprar.

Vocês tem alguma restrição aos produtos ou bens de capital produzidos atualmente no Japão ou na Coreia do Sul? Vocês acham que essas duas nações são politicamente éticas e respeitadas sobre vários aspectos no mundo? O professor ficou aguardando uma resposta que não veio.

Prossigui afirmando que, se dentre tantos, o Japão e a Coreia do Sul deram um salto em suas economias (sem esquecer-se de outras políticas públicas como a educação, inovação, pesquisa e desenvolvimento, meritocracia em todas as áreas e níveis e combate à corrupção, dentre outros) praticando por décadas a produção e comercialização de cópias, "pirateando" para o mundo, descaradamente produtos e bens de marca, por que nós não podemos fazer o mesmo?

Mão de obra e insumos de toda ordem são necessários para a produção, tanto de produtos e bens de marca, quanto aos copiados. Se isso é verdade, as cópias exercem um peso na roda que movimenta a economia, inclusive sendo possível ser mensurado.

Seria um descalabro eu achar que muitos dos produtos ou bens disponíveis para comercialização em feiras como a que fiz menção no início deste texto, aqui em Fortaleza, sejam feitas por aqueles mesmos industriais que produzem os produtos de marca?

Se o que acabei de afirmar é uma insanidade, então onde estão instaladas estas fabriquetas de produtos copiados com tanta perfeição, em grande escala, com qualidade em vários níveis, que fica quase impossível detectar a diferença a olho nu? Se elas existem, porque então as autoridades não fecham esses estabelecimentos industriais? Estarão em Marte?

Existe o aspecto da livre escolha, apesar da grande mídia se achar no direito de dizer o que devo escolher. Ora amigo, se eu só posso adquirir levando em conta o preço, por não ter no bolso o montante para comprar um produto "de marca", eu vou voltar para casa simplesmente com as mãos vazias? A grande maioria dos brasileiros não quer saber se o produto

é de marca ou supostamente copiado; se o produto lhes agrada, quer saber se a compra cabe em seu bolso.

Os industriais estão errados em fornecer parte de sua produção para os comerciantes sem o alto custo tributário? Entendo que não por vários motivos. Não estou afirmando que eles assim procedem; estou me dando o direito de supor.

Senhores, a cadeia produtiva da comercialização de produtos copiados é invisível para quem não quer ver o que está posto. Seu grande peso na economia brasileira já justifica que o problema seja encarado sem subterfúgios, de frente, por todos os envolvidos na mesma, bem como os que têm esta responsabilidade nos diversos níveis de poder.

Somos um país rico em recursos, mas com um povo pobre de renda. Por esse motivo, temos que ter a mente aberta para encontrar soluções viáveis e exequíveis na tentativa de mudar este *status quo* onde poucos tem muito e muitos nada tem.

Por fim, assim como meu dileto professor na sala de aula, não tenho aqui a pretensão de mudar seu entendimento sobre o aqui posto, todavia, se você teve a paciência de ler até agora, além de vos agradecer, tomo a liberdade de sugerir que você, antes de concluir se estou certo ou errado, aprofunde-se sobre o tema.

POR: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 296 MA